



Aprovou!

ELITE Resolve

UNESP - 2016

**conhecimentos específicos
línguas**

www.elitecampinas.com.br
OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 25 A 28**

As questões de 25 a 28 tomam por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

Árvores e poetas

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpolência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrinos² pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(*Letras floridas*, 1976.)

1 sarmento: ramo delgado, flexível.

2 colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

3 antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.



(www.dumilustrador.blogspot.com)

QUESTÃO 25

“Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico”

A quem o autor do texto atribui tal perspectiva? Identifique os dois pontos de vista inerentes a esta perspectiva, explicando-os.

Resolução

O autor atribui essa perspectiva ao poeta, citado no período imediatamente anterior à oração em destaque (“O poeta é mais completo”). Ao descrever a árvore tal como o poeta a vê, o autor destaca os dois elementos destacados na questão: a beleza e o antropomorfismo. A beleza estaria presente na graça, na formosura e no colorido da árvore, que, ao ser vista pelo poeta, desperta sensações e impressões que um outro humano poderia despertar (e por isso o poeta a vê sob um ângulo antropomórfico), como memórias, evocações e mesmo impressões indefiníveis. De acordo com o texto, ao poeta, cabe sentir a árvore, e ao senti-la, ele é capaz de nos dar “uma noção ‘humana’, direta e viva da árvore”.

QUESTÃO 26

“O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte”

Do ponto de vista sintático, que relação os termos sublinhados estabelecem com o verbo? Do ponto de vista semântico, a organização dos substantivos sublinhados aparenta seguir um determinado critério; um desses substantivos, contudo, romperia tal organização. Identifique qual seria esse critério e o substantivo que romperia sua organização.

Resolução

Do ponto de vista sintático, todos os termos sublinhados funcionam como complementos do verbo “estudar”, que, na oração em questão, comporta-se como verbo transitivo direto e indireto. O pronome oblíquo “lhe” assume, na oração, a função de objeto indireto e os termos destacados a de **objeto direto**.

Do ponto de vista semântico, a disposição dos substantivos aparenta seguir critério que remeteria ao ciclo de vida – nascimento, crescimento, reprodução e morte –, sendo que o substantivo “nutrição” romperia a organização, por não ser reconhecidamente classificado como parte do ciclo, ao menos não na etapa em que é apresentado no texto (entre a reprodução e a morte).

QUESTÃO 27

De acordo com a concepção de Amadeu Amaral, qual seria a diferença fundamental entre o ponto de vista do botânico e o do poeta? Justifique sua resposta.

Resolução

De acordo com o que se pode depreender do texto, para Amadeu Amaral o botânico e o poeta têm pontos de vista bastante divergentes com relação à observação das árvores, sendo a diferença fundamental entre eles a objetividade do olhar: ao botânico caberia a descrição e classificação das árvores, em um trabalho bastante objetivo, em que escapariam as características mais subjetivas de cada espécie, como a corpolência e a beleza do carvalho, por exemplo. Para o botânico, diz o autor, “reduz-se tudo a um esquema”, e todas as espécies têm o mesmo valor.

Já ao poeta cabe, de acordo com o autor, uma visão mais completa das árvores, em que são levadas em consideração a beleza e as sensações que cada árvore é capaz de despertar, bem como que relações se pode estabelecer com cada uma delas ao longo da vida. Sua visão mais subjetiva e valorativa, portanto, é o que diferencia seu ponto de vista do assumido pelo botânico. Vale ressaltar que, ao final do texto, o autor pontua que a visão oferecida pelo poeta é “tão verdadeira quando qualquer outra”, ressaltando que o fato de haver diferentes concepções não invalida a veracidade e validade de cada uma delas.

QUESTÃO 28

Qual a intenção da personagem da charge ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras? Analise tal argumento sob os pontos de vista lógico e ético.

Resolução

A partir da correta interpretação da charge, tendo em conta a relação entre a imagem e o texto que a acompanha, como um título (“Novo código florestal: bancada ruralista”), é possível afirmar que a intenção da personagem da charge, ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras, é a de justificar a necessidade de mais terras destinadas ao agronegócio.

Do ponto de vista lógico, a personagem inverte a relação comumente estabelecida entre os homens e a natureza, a de que o homem ocupou, ao longo do tempo, a natureza: para a personagem, é a natureza que ocupou aquilo que lhe pertencia (na fala da personagem vê-se o uso do pronome possessivo “nossas” para classificar as terras).

Essa inversão na lógica corrente desencadeia as consequências éticas sugeridas pela charge: a noção daquilo que “atrapalha” é subjetiva e, na charge, a natureza é retratada como agente desse fenômeno (o que comumente não acontece). A expressão “Que absurdo!” reforça a visão de que, do ponto de vista ético, houve também uma inversão, já que os valores atribuídos à natureza parecem menos importantes que os atribuídos ao agronegócio.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 29 E 30

As questões 29 e 30 tomam por base o “Soneto LXVII” (“Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus”), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

Quando vejo, Senhor, que às alimárias1
Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,
Não lhe esquece jamais o alto estatuto
Das leis que lhes pusestes ordinárias;

E logo vejo quantas artes2 várias
O homem racional, pródigo3 e astuto,
Põe em obrar, ingrato e resoluto,
Obras que a vossas leis são tão contrárias:
Ou me esquece quem sois ou quem eu era;

Pois do que me mandais tanto me esqueço,
Como se a vós e a mi não conhecera.
Com razão logo por favor vos peço
Que, pois homem tal sou, me façais fera,
A ver se assi melhor vos obedeço.

(A tuba de Calíope, 1988.)

1 alimária: animal irracional.

2 arte: astúcia, ardil.

3 pródigo: providente, que se previne, providente, precavido.

QUESTÃO 29

Que contraste é explorado pelo poema como base da argumentação? Justifique sua resposta. Considerando também outros aspectos, em que movimento literário o poema se enquadra?

Resolução

Francisco Manuel de Melo foi um português que viveu boa parte de sua vida durante a União Ibérica (1580-1640) e que, portanto, marcou seu nome da história dos países ibéricos por sua participação na política, nas armas e nas letras.

No soneto em apreço na questão, o eu lírico, em diálogo com Deus, relata sua percepção de que os animais “Da terra, da água, do ar” são obedientes aos desígnios do Altíssimo, diferentemente do homem “racional” que, “pródigo e astuto”, se coloca contra a vontade divina. Essa visão de que a racionalidade é um obstáculo à obediência dos mandamentos de Deus leva o eu lírico a pedir que o Senhor lhe faça “fera”, portanto, obediente.

É possível filiar o autor ao Barroco peninsular. O maneirismo e O desconcerto do Mundo marcam os versos de seu poema: a valorização da métrica e da rima, atributos clássicos, dividindo espaço com a fé cristã, indiciam a primeira; ao passo que a insatisfação do homem, na própria relação entre ele, como pessoa paradigmática, e um destino com que ele se encontra e que, ao mesmo tempo, lhe é opaco, são indícios da segunda.

QUESTÃO 30

No primeiro verso, a que classe de palavras pertence o termo “que” e qual sua função na frase? No quarto verso, a que classe de palavras pertence o termo “que” e qual sua função na frase?

Resolução

O primeiro verso “Quando vejo, Senhor, que às alimárias” contém uma conjunção subordinativa integrante. O vocativo “Senhor”, interposto, separa o verbo “vejo” de seu complemento “que às alimárias/ Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –, / Não lhe esquece jamais o alto estatuto / Das leis”, iniciado no primeiro verso e que se estende até o quarto. Vale dizer que, segundo a NGB, essa oração seria classificada como subordinada substantiva objetiva direta. Portanto, esse elemento morfológico tem como função introduzir uma oração subordinada substantiva.

No último verso do primeiro quarteto, a palavra “que” pode ser classificada como pronome relativo, ou seja, um elemento dotado de dupla função discursiva, retomando seu referente, “leis” e introduzindo a oração subordinada adjetiva “que lhes pusestes ordinárias”.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 31 E 32

Leia o excerto do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, para responder às questões 31 e 32.

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de

1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada.

Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou! interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo.

Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

[...]

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rearear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.

(Contos: uma antologia, 1998.)

QUESTÃO 31

O trecho do quinto parágrafo “[Ele] disse-lhe que era imprudente andar por essas casas” foi construído em discurso indireto.

Reescreva-o em discurso direto, substituindo os pronomes sublinhados pelos nomes das personagens e efetuando os demais ajustes necessários.

Resolução

O trecho destacado pela questão apresenta dois pronomes pessoais de terceira pessoa do singular: “Ele”, do caso reto, e “lhe”, do caso oblíquo. Seus referentes são, respectivamente, Camilo, que aconselha a amada a confiar sentimentos dele e não colocar em risco a confidencialidade de relação amorosa dos dois, e Rita, que recebe o conselho. Assim, a paráfrase pedida poderia ser:

Camilo disse: – Rita, é imprudente andar por essas casas!

QUESTÃO 32

Há, no penúltimo parágrafo, o emprego de uma figura de retórica que consiste no alargamento semântico de termos que designam dois entes abstratos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano.

Quais são os dois entes abstratos que passam por tal processo? Justifique sua resposta.

Como se denomina tal figura de retórica?

Resolução

No penúltimo parágrafo, o narrador organiza as conclusões de Rita, ao saber das cartas anônimas recebidas por Camilo, retextualizando seu pensamento à guisa de aforismo: “a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo”. Essa construção opõe “virtude” a “interesse” e, antiteticamente, apresenta seus predicados; este é diligente, enquanto aquela, morosa. Logo, Machado de Assis atribui características humanas à “virtude” e ao “interesse” por meio de uma figura de pensamento que a retórica costuma chamar “prosopopeia” ou “personificação”.

INGLÊS**TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 33 A 36**

Leia o texto para responder, em português, às questões de 33 a 36.

Amazon tribe creates 500-page traditional medicine encyclopaedia

Jeremy Hance
June 24, 2015

A Matsés shaman named Cesar. (Photo courtesy of Acaté.)

In one of the great tragedies of our age, indigenous traditions, stories, cultures and knowledge are winking out across the world. Whole languages and mythologies are vanishing, and in some cases even entire indigenous groups are falling into extinction. This is what makes the news that a tribe in the Amazon – the Matsés peoples of Brazil and Peru – have created a 500-page encyclopaedia of their traditional medicine all the more remarkable. The encyclopaedia, compiled by five shamans with assistance from conservation group Acaté, details every plant used by Matsés medicine to cure a massive variety of ailments.

“The [Matsés Traditional Medicine Encyclopaedia] marks the first time shamans of an Amazonian tribe have created a full and complete transcription of their medicinal knowledge written in their own language and words,” said Christopher Herndon, president and co-founder of Acaté. The Matsés have only printed their encyclopaedia in their native language to ensure that the medicinal knowledge is not stolen by corporations or researchers as has happened in the past. Instead, the encyclopaedia is meant as a guide for training new, young shamans in the tradition and recording the living shamans’ knowledge before they pass.

“One of the most renowned elder Matsés healers died before his knowledge could be passed on so the time was now. Acaté and the Matsés leadership decided to prioritize the Encyclopaedia before more of the elders were lost and their ancestral knowledge taken with them,” said Herndon.

Acaté has also started a program connecting the remaining Matsés shamans with young students. Through this mentorship program, the indigenous people hope to preserve their way of life as they have for centuries past.

“With the medicinal plant knowledge disappearing fast among most indigenous groups and no one to write it down, the true losers in the end are tragically the indigenous stakeholders themselves,” said Herndon. “The methodology developed by the Matsés and Acaté can be a template for other indigenous cultures to safeguard their ancestral knowledge.”

Comments:

Hugh Baker – Top Commenter

The priority for people supporting the Matsés should be to copyright the encyclopaedia in as many jurisdictions as possible, protecting both the medicinal knowledge and the biological/botanical information, species of plants, fungi, insects and animals that occur in the range of the tribe. Any pharmacological corporations wishing to capitalize on the knowledge would have to pay royalties to the Matsés, and would also need to consult with the Matsés in a meaningful interaction about how they intend to exploit whatever resource in which the company expresses an interest.

(http://news.mongabay.com. Adaptado.)

QUESTÃO 33

Explique, de acordo com o primeiro parágrafo, por que a elaboração da Enciclopédia de Medicina Tradicional da tribo Matsés é um feito notável.

Resolução

Uma das grandes tragédias de nossos tempos é o fato de que as tradições indígenas, suas histórias, culturas e conhecimento estão desaparecendo em todo o mundo. Da mesma maneira, línguas inteiras e mitologias estão sumindo – em alguns casos até mesmo grupos indígenas inteiros acabam entrando em extinção – isto é o que torna a elaboração da enciclopédia de Medicina Tradicional da tribo Matsés um feito notável.

QUESTÃO 34

Quais as razões, segundo o texto, que levaram a tribo Matsés a escrever e imprimir a Enciclopédia de Medicina Tradicional em sua própria língua?

Resolução

Duas são as razões que levaram a tribo Matsés a escrever e imprimir a Enciclopédia de Medicina Tradicional em sua própria língua:

A primeira foi para garantir que o conhecimento medicinal não fosse roubado por corporações ou pesquisadores, como já havia ocorrido no passado.

A segunda seria para treinar e guiar jovens pajés na tradição e registrar o conhecimento dos pajés idosos antes que falecessem.

QUESTÃO 35

O que motivou o grupo ambientalista Acaté e os cinco pajés a organizarem a Enciclopédia de Medicina Tradicional da tribo Matsés?

Resolução

Segundo Herndon, um dos mais renomados velhos curandeiros da tribo Matsés havia falecido antes de que seu conhecimento pudesse ser passado adiante. Tanto o grupo ambientalista Acaté como a liderança da tribo Matsés decidiram priorizar a Enciclopédia antes que mais de seus anciãos morressem – e seus conhecimentos ancestrais se perdessem com eles.

QUESTÃO 36

Quais as sugestões apresentadas por Hugh Baker em seu comentário ao texto?

Resolução

Apesar da pergunta sugerir que Hugh Baker tenha dado sugestões – na verdade ele dá uma sugestão (muito detalhada, inclusive com as consequências desta).

Sua sugestão é que, aos grupos que apoiam a tribo Matsés, a prioridade seria o registro dos direitos autorais da enciclopédia nas mais variadas jurisdições possíveis, protegendo tanto o conhecimento medicinal como as informações biológicas/botânicas, espécies de plantas, fungos, insetos e animais que estejam nos limites da tribo.

A segunda parte do texto é referente às consequências desta sugestão acima explicitada, que seria o fato de que, qualquer corporação farmacêutica que desejasse capitalizar o conhecimento teria que pagar *royalties* à tribo e também precisariam consultá-los em uma interação significativa sobre a intenção de explorar quaisquer recursos nas quais a empresa demonstrasse interesse.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada.

(Nick Ut. Vietnã, 1972.)



Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.
(Kevin Carter. Sudão, 1993.)



Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.
(Nilufer Demir. Turquia, 2015.)

Texto 1

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos “mal”, ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

(Susan Sontag. *Diante da dor dos outros*, 2003. Adaptado.)

Texto 2

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obsceno. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa. Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

(Suzanne Moore. “Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo”. *www.theguardian.com*, 21.07.2014. Adaptado.)

Texto 3

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

(Carlos Eduardo Lins da Silva. “Muito além de Aylan Kurdi”. *http://observatoriodaimprensa.com.br*, 08.09.2015. Adaptado.)

Texto 4

Diretor da ONG Human Rights Watch, Peter Bouckaert publicou em seu Twitter a foto do menino sírio de 3 anos que se afogou. Ele explicou sua decisão: “Alguns dizem que a imagem é muito ofensiva para ser divulgada. Mas ofensivo é aparecerem crianças afogadas em nossas praias quando muito mais pode ser feito para evitar suas mortes.”

(“Diretor de ONG explica publicação de foto de criança”. *Folha de S.Paulo*, 03.09.2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

COMENTÁRIO DA REDAÇÃO

A proposta de redação da segunda fase do vestibular Unesp 2016 trouxe, a exemplo de anos anteriores, uma frase-tema embasada em uma dicotomia. Não custa lembrar que, apesar de estarem evidentes, justamente por conta disso, dois posicionamentos claros (um contra a publicação de imagens trágicas, tomando como mote a “banalização do sofrimento”, e outro a favor, alegando ser esta uma “forma de sensibilização”), o candidato poderia sentir-se livre para argumentar no sentido de defender a tese que julgasse mais adequada.

Como auxílio à articulação das ideias, a Unesp ofereceu uma coletânea enriquecida com quatro textos evidentemente opinativos e outras três fotografias, bastante representativas do tema. Todos os itens poderiam ser bem aproveitados pelo candidato que não se sentisse à vontade para trazer à discussão contribuições externas, uma vez que é perceptível um equilíbrio de posicionamentos entre os textos: dois deles criticam a divulgação do tipo de imagem em questão, e os outros dois a defendem (ressalvamos que, considerando a extensão dos excertos, a coletânea pende para o lado da crítica). Minimamente contextualizada a coletânea, daremos início à sua análise pelas fotografias.

A primeira delas é a ganhadora do prêmio Pulitzer (um dos maiores reconhecimentos do jornalismo) em 1973, tirada durante a Guerra do Vietnã, em 1972. Nela, reconhecemos uma menina que foge dos bombardeios, nua por conta dos explosivos que haviam lhe atingido (utiliza-se o napalm, tipo de bomba que gruda na pele). A segunda, também vencedora do mesmo prêmio em 1994, retrata a cena de uma criança desnutrida sendo observada por um abutre, metáfora ideal para a fome que matava no Sudão. Por fim, a terceira, que percorreu as redes sociais neste ano de 2015, é a imagem do menino sírio encontrado morto em uma praia turca. Ela exemplifica a rejeição das famílias que procuram refúgio no continente europeu, vindos dos intermitentes conflitos no Oriente Médio. Como se vê, todas as três são exemplos de imagens trágicas cuja publicação é polêmica. Sobre isso, seguem os textos.

O primeiro texto oferece duas perguntas sobre as quais o candidato poderia refletir para tecer sua argumentação: (1) “o que a representação cruel provoca em nós?” e (2) “nossa percepção do sofrimento terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?”. As escolhas lexicais desses dois trechos já indicam o ponto de vista da autora Susan Sontag (cabe observar, especialista em fotografia); um candidato atento percebe que não é à toa o emprego dos termos “cruel” e “desgastada”. No último parágrafo desse curto excerto, são apresentadas as respostas às perguntas: (1) a representação não nos provoca nenhum sentimento, porque “tornamo-nos insensíveis” e (2) sim, “estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar”. Conclui-se desse encaminhamento que o texto 1 oferece um posicionamento contrário à publicação de imagens trágicas, apoiado em um contra-argumento a um argumento clássico: deve-se publicar esse tipo de fotografia, porque elas aguçam nossos olhares à tragédia que nos rodeia.

Também contrária, grande parte do segundo texto é essencialmente opinativa: nele, Suzanne Moore mostra-se indignada com o fato de as mídias sociais estarem “inundadas com o sangue de inocentes”, o que permite seu amplo compartilhamento, atitude que considera obscena. Sua tese é a de que não há finalidade evidente na divulgação desse tipo de imagem, visto que ela é totalmente

prescindível caso a intenção seja sensibilizar o público ou mostrar-lhe “que matar crianças é errado”. Nesse sentido, percebe-se que esse excerto também procura desconstruir ao argumento clássico supracitado.

Os outros dois textos, mais curtos, disponibilizam ao candidato pontos de vista favoráveis ao tipo de publicação em questão. Chama a atenção o fato de que nenhum se apoia no pressuposto de que tais imagens são necessárias para tornar o público mais sensível a tragédias, o que abre espaço para discussões de naturezas diversas.

Assim, o texto 3 levanta a questão em torno da construção da memória coletiva, defendendo que tornar (re)conhecidas imagens impactantes “mantém vivos (...) horrores inomináveis” e constitui-se obstáculo para novas ocorrências. Nesse sentido, não se trata de “despertar indignação” (desconstrução do texto 1) ou “entender que matar crianças é errado” (desconstrução do texto 2), mas sim de fazer da história recurso de aprendizagem, para evitar a repetição de episódios trágicos. O excerto em questão estende as consequências da publicação desse tipo de imagem.

Já o texto 4 rebate diretamente as críticas que sustentam serem demasiadamente “ofensivas” as imagens trágicas ao argumentar que a ofensa reside, na verdade, na própria tragédia. A estratégia argumentativa desse excerto, então, é a de inverter o foco da questão, mostrando que a publicação dessas imagens, sendo fruto de investigação jornalística, tem cunho informativo e, por isso, é necessária como alerta de eventos (tais como os retratados nas fotografias da coletânea).

Percebe-se, da análise acima, que a coletânea da prova de redação forneceu reflexões interessantes e de diversas naturezas para que o candidato construísse sua tese. Independentemente do posicionamento seguido, era de suma importância atentar-se à resposta da pergunta da frase-tema proposta: Publicação de imagens trágicas: banalização do sofrimento ou forma de sensibilização?

Equipe desta resolução

Inglês

Daniel Amaro Cirino de Medeiros

Português

Bruna Leite Garcia
Bruna Sanchez Moreno
Thiago do Nascimento Godoy

Revisão e Publicação

Felipe Eboli Sotorilli
Simone Buralli Rezende
Vanessa Alberto

Digitação e Diagramação

Petra Margot Pedraza